



Donizete saiu do Amapá para encontrar a felicidade na Capital gaúcha. Agora já pode voltar e reencontrar a mãe e os irmãos

# VIDA NOVA

Pessoas de vários locais do país chegam em Porto Alegre com a esperança de receber um órgão

TEXTO | **MARIANA OLIVEIRA e VANESSA COIMBRA**  
FOTOS | **SANDRA VARGAS**

**V**iver nada mais é do que dar e receber. A doação de órgãos é um ato de coragem que transforma a vida de quem doa ou recebe. Significa doar amor, generosidade, atenção, ternura e respeito. E não é difícil, basta querer. Não há nada mais compensatório do que ver outro ser humano feliz.

O Brasil possui hoje um dos melhores programas públicos de transplantes de órgãos e tecidos do mundo. Com 548 estabelecimentos de saúde e 1.376 equipes médicas autorizadas a realizar transplantes, o Sistema Nacional de Transplantes está presente em 25 estados do país por meio das Centrais Estaduais de Transplantes. Só no Rio Grande do Sul são 89 centros especializados. Em 2001, foi inaugurado em Porto Alegre o Hospital Dom Vicente Scherer, que tem o primeiro Centro de Transplantes de todos os tipos de órgãos e tecidos da América Latina, uma resposta da Santa Casa ao constante crescimento do número de transplantes realizado na instituição. Em busca de uma vida mais saudável, pessoas de todo país procuram o hospital atrás da cura.

Foi pensando nessas pessoas que surgiu o Via Vida Pró-Doações e Transplantes. A entidade completou dez anos recentemente e tem como objetivo incentivar a doação de órgãos e tecidos através da orientação e conscientização dos cidadãos, de modo a beneficiar pacientes em lista de espera. Em janeiro de 2004, foi criada a pousada do Via Vida, que recebe pessoas de todos os lugares do país que procuram a cidade de Porto Alegre para viver até a realização do transplante. Nos últimos cinco anos atendeu mais de 291 pessoas, entre pacientes e familiares. A pousada sobrevive apenas com recursos doados pela comunidade, com a ajuda de apoiadores e de eventos que a organização faz, como chás beneficentes, almoços, brechós e palestras. Também há vendas de produtos, como camisetas e livros.

Para quem está hospedado na pousada, ela é um lar longe de casa. Há pessoas de vários locais do país,

que chegam em busca de um transplante, de uma nova oportunidade para a sua vida. São pessoas sem condições financeiras, que agradecem por ter um espaço para os apoiarem nesse caminho tão dificultoso e cheio de insegurança. Milton Renato Menezes, de 36 anos, é uma dessas pessoas. Ele saiu da cidade de Alegrete em busca de um transplante de fígado. Já o pequeno Donizete Pena Alves, de apenas 13 anos, saiu da cidade de Macapá, do estado do Amapá, com o pai Valdenor Ferreira Alves, para realizar um transplante de rim. A história dos dois se resume a muito sofrimento, mas também a muita vontade de estarem curados.

## Lista de espera

Milton ficou sabendo que precisava ser transplantado no dia 20 de outubro do ano passado após fazer vários exames para hepatites A, B e C e todos darem negativos. Foi quando um médico descobriu que ele estava com uma hepatite aguda fulminante e que somente um transplante poderia salvar sua vida. Milton saiu então de Alegrete, no interior do Rio Grande do Sul, e chegou em Porto Alegre no dia 10 novembro do mesmo ano, após conseguir juntar dinheiro através da ajuda de parentes. Ele começou a fazer o tratamento com medicamento e entrou para lista de espera, mas seu estado de saúde piorava dia após dia. No dia 12 de novembro, Milton foi internado às pressas na Santa Casa com o quadro de encefalopatia grave (tremor nas mãos) e, no dia 13 de novembro, entrou em coma.

Como seu quadro clínico era muito grave, ele passou a ser o primeiro da lista de espera e, no dia 14 de novembro, recebeu a doação do órgão. Milton teve uma ótima recuperação, recebendo alta dias depois. A pousada do Via Vida foi muito importante para o apoio dele e sua família, afinal, ficou hospedado com sua esposa Simana Gláucia Pereira Mota, de 34 anos, a espera pelo transplante e depois na fase de recuperação. No dia 23 de dezembro,

ele retornou para Alegrete, mas infelizmente nove meses depois estava na pousada do Via Vida novamente.

Seu transplante, apesar de ter sido um sucesso, começou a apresentar sintomas de rejeição. Então Milton e Simara tiveram que largar tudo novamente, inclusive deixar a filha de sete anos aos cuidados de parentes e retornar a Porto Alegre. Ele agora faz tratamentos com medicamentos e espera em breve voltar para sua cidade natal. "Não vejo a hora de estar totalmente recuperado e rever minha filha, pois estou com muita saudade", diz Milton, com muita emoção.

### Presente de Dia das Crianças

Já Donizete começou a apresentar problemas de saúde quando tinha apenas dois anos de idade. Seus pais procuraram um médico e descobriram que o menino tinha uma anemia muito grave pro apresentar problemas em um dos rins. Ele começou a fazer hemodiálise com três anos de idade. Após muito sofrimento, seu pai resolveu deixar o Nordeste e vir para o Sul. "No Amapá, não tinha as condições necessárias para fazer o transplante, foi quando o médico nos indicou viajar para Por-

to Alegre", diz Valdenor. "Consegui as passagens para mim e para meu filho com o governo do estado. Chegamos na cidade em junho deste ano. Foi a primeira vez que a gente viajou de avião", complementa. Chegaram no Dom Vicente Scherer, onde a assistente social do hospital lhes informou sobre a pousada do Via Vida. E é lá que o menino ficou aguardando o seu tão sonhado transplante. No entanto, o pai, que seria o doador do rim para o filho, descobriu durante exames que estava com câncer de próstata e precisava ser operado urgentemente. Operou-se e ficou em recuperação. Como uma catástrofe, essa notícia afetou toda a família, mas não abalou a esperança do menino, que continuou confiante em ter uma vida normal, sem tanto isolamento. "Meu maior sonho é poder voltar para minha cidade, abraçar a minha mãe, brincar com meus irmãos", dizia o garoto.

No dia 22 de setembro, por volta das 23h, o telefone da pousada tocou: era do Hospital Dom Vicente Scherer avisando a Valdenor que levasse seu filho urgentemente para o hospital porque havia surgido um doador compatível. No mesmo dia, Donizete recebeu o transplante. Teve uma ótima recuperação e recebeu alta



Milton não vê a hora de estar recuperado e poder encontrar a filha em sua cidade

no dia 12 de outubro, bem no dia das crianças. "Nunca estive tão feliz em toda minha vida. Meu filho está saudável, finalmente vai poder ter uma vida como qualquer criança. Agora a gente está contando os dias para refazer os exames e retornar para nossa cidade", diz Valde-nor. "Eu gostaria muito de agradecer a família que doou o órgão para meu filho, mas infelizmente não sabemos quem são", complementa.

O médico nefrologista e coordenador de transplantes da Santa Casa, Valter Garcia Duro, explica que já faz alguns anos que não são divulgados dados a respeito do doador. "Há alguns anos, quando se doava, se a família quisesse saber, poderia, mas estava dando muitos problemas. Quem perdia um parente via a extensão dele no transplantado, então acabava criando vínculos desnecessários, havia uma certa cobrança, uma certa pressão." A lista de espera para cada órgão é feita por Estado, e os órgãos são divididos pelo tipo sanguíneo, menos as córneas, que entram numa lista geral por não precisar de tipagem sanguínea. Para um transplante de rim, o melhor doador é aquele que, além da compatibilidade do tipo de sangue, tem os antígenos de histocom-

patibilidade (membranas de quase todas as células do corpo) mais semelhantes ao receptor. Esses antígenos são determinados através de um exame de sangue que se chama tipagem HLA. Já o transplante de fígado é feito conforme a gravidade do paciente. Quem estiver em estado mais grave será o primeiro da lista. O mesmo acontece em relação ao coração. A única diferença está em relação ao peso do doador. Por exemplo, se o doador tiver 90 kg, poderá receber o órgão quem tiver 20% a mais ou a menos deste peso, no caso uma pessoa entre 70 e 100 quilos. O transplante de pulmão é feito também de acordo com a gravidade. Precisar somente de um pulmão ou de dois, por exemplo, é um dos critérios de escolha, além do tamanho da caixa torácica.

No Rio Grande do Sul, 1.921 pessoas aguardam na fila de espera para um transplante. Esse ano foram realizados, até o mês de agosto, 824 transplantes no Estado. O número é pequeno e muita gente ainda espera por essa chance. Para ser doador, é muito simples, basta informar a família. Assim, caso o pior aconteça, eles farão sua vontade. Doar é um transplante de vida, uma generosidade para com o próximo.



## IMPRESSÕES DE REPÓRTER

Doar e receber um órgão são atos que acabam mexendo com os sentimentos humanos de uma maneira explosiva, gerando consequências intensas. Envolve ética e nos faz pensar no papel social de cada um no mundo. Quando fomos entrevistar as fontes, ficamos resabiadas quanto à recepção deles conosco. Se iríamos nos contar tudo, se ficariam tímidas ou começariam a chorar. Enfim, tivemos um retorno muito bom, além de modificar nossa maneira de pensar. Aprendemos que somos tão frágeis diante dos acontecimentos corriqueiros da vida que, quando nos deparamos com algo extremamente sério, como esperar por um órgão, a vida deve ser encarada com tranquilidade e firmeza. Entrevistar essas pessoas foi gratificante porque são simples, amorosas, cheias de esperança e muita força de vontade para encarar os acontecimentos graves da vida. Tivemos facilidade para encontrar as fontes e ter acesso a cada uma delas, o que nos ajudou bastante para finalizar a reportagem. Na hora de começarmos a escrever a reportagem, ficamos preocupadas em não tornar o texto direito demais e nem muito emotivo, procuramos o meio termo.

**Donizete, agora com um novo rim, espera ter uma vida normal**